



EU VIRA
AMOR SEXO E MORTE NO ENTARDECER DA VIDA

Autora: Naia Prata Atticiati Wagner¹

Orientadora: Pq Dra Raquel Scotti Hirson²

Resumo

A performo-palestra propõe uma revisita do processo criativo do espetáculo *Eu Vira*, resultado da pesquisa de mestrado que desenvolvi no PPGADC-Unicamp, defendida em 2022. Apresento questões sobre o envelhecimento da mulher, a solidão, feminismos, sexualidade e esquecimento, através do cruzamento de experiências pessoais com as palavras de Elvira Wagner. Elvira foi gerontóloga pioneira na pesquisa sobre a doença de Alzheimer no Brasil, que escreveu o livro *Amor, Sexo e Morte no Entardecer da Vida* (1989). Elvira disfarçou por 10 anos os sintomas do próprio esquecimento gerado pela doença de Alzheimer. Elvira é a minha avó.

Palavras-Chave: Doença de Alzheimer, Mimesis Corpórea, Mulher, Processo Criativo, Teatro.

¹ Naia Prata é artista da cena, estabelece intersecções entre teatro, dança, bordado, palhaçaria e audiovisual. Licenciada em Teatro e Especialista em Dança (UFBA) Mestre em Artes da Cena e doutoranda no PPGADC - IA Unicamp, com pesquisa sobre sonhos, mulheres e arte têxtil à partir da mimesis corpórea. Email: n229515@dac.unicamp.br

² Raquel Scotti Hirson é atriz-pesquisadora do LUME (NIPT-UNICAMP) desde 1994. Tem enquadramento funcional de Pesquisadora (Pq-B) e é coordenadora associada do Lume. Doutora pelo IA da UNICAMP, com a tese *Alphonsus de Guimaraens: Reconstruções da Memória e Recriações no Corpo* e autora dos livros *Tal qual apanhei do pé: uma atriz do Lume em pesquisa* (HUCITEC e FAPESP, 2006). Professora permanente e orientadora de alunos do PPG Artes da Cena do IA, UNICAMP, com o projeto de pesquisa *Mimesis Corpórea* e práticas de observação, pesquisa de campo e construção de presença cênica. Email: rhirson@unicamp.br



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

A performo-palestra Eu Vira - Amor Sexo e Morte no Entardecer da Vida, apresentada no Seminário Interno Mário Santana 2025, abordou performativamente o processo criativo da peça solo Eu Vira. Apresentei trechos de cenas em que evidencio o entrecruzamento das histórias de duas mulheres, Elvira e Naia, eu e minha avó.

A peça integra a pesquisa de mestrado que desenvolvi no PPG Artes da Cena - Unicamp, com o título *Avesso visível - processo de criação, mimesis corpórea e peça-filme*. Na dissertação apresento uma reflexão sobre o processo criativo da peça-filme Eu Vira, que tem como procedimento de atuação a mimesis corpórea, desenvolvida pelo Lume Teatro - UNICAMP, e foi deflagrado pelo estudo do esquecimento causado pela doença de Alzheimer, a partir de material autobiográfico. A pesquisa abarca o encontro de uma neta e sua avó, Dra. Elvira Wagner, psicóloga e gerontóloga, tradutora do primeiro livro sobre a doença de Alzheimer no Brasil, que se tornou referência nacional da gerontologia e foi diagnosticada com doença de Alzheimer em 2005. Em 2016, faleceu sem se lembrar quem era. A peça-filme Eu Vira percorre o caminho das águas, do rio que corre para o mar, criando uma metáfora para o esquecimento a partir da imagem de afogamento, permeada por mitos das Yabás. A pesquisa resulta em três formatos: dissertação, peça-filme e bordados. A peça em formato presencial foi apresentada em 2023 no 17º Feverestival, Campinas-SP

A peça foi criada com base nos procedimentos da mimesis corpórea, que parte da observação de fotografias, entrevistas e materiais textuais, recolhidos na pesquisa de campo, colocados em relação durante o processo criativo que desdobraram-se em matrizes e cenas. Segundo Raquel Scotti Hirson,

Mimesis Corpórea, uma metodologia de criação que busca a poetização e a teatralização dos encontros afetivos entre alguém que atua e observa e corpos, matérias, imagens, textos. O pressuposto da mimesis corpórea é que esse encontro potencialize a transformação e a recriação do corpo singular de quem atua-observa (HIRSON, 2020 p. 170).

Reencontro com meus materiais do processo de criação do mestrado. O material ainda me diz muito, ainda há muitos silêncios que eu gostaria de escutar. A peça solo não



é um ponto final, lugar de chegada, é um espaço de atualização dos materiais que habitam meu corpo e imaginário, meu corpo imaginário de ser Elvira.

O que ainda há em tudo aquilo? O que me diz e move tanto? Tem partes de mim pulsando no encontro que tive com a minha avó, a mulher-avó-gerontóloga que espelha a mulher-mãe-atriz... as perguntas não se respondem, se desdobram, reaparecem nos papéis de "recortagem" que construí para a dramaturgia. Os cortes, as escolhas. Não tem como escolher mostrar tudo, por mais que eu tente. Eu sou excessos, eu transbordo.

Nesse começo do doutorado ainda fervilham questões do mestrado, o que parece estar pendente. Eu Vira quer encontrar com o público. Os papéis e objetos guardados nas grandes caixas plásticas transparentes precisam transbordar... tenho muito a dizer, tem muito encontro ainda pulsando aqui. Decidi apresentar uma cena do mestrado enquanto curso o doutorado porque é um caminho percorrido, mas não totalmente conhecido, nunca será, eu sei.

Resolvi colocar meus Avessos Visíveis em cena, compartilhar o que segue sendo avesso do que foi escrito e protocolado nos sistemas acadêmicos... ainda pulsa... ainda transborda ... Os desaforos que ouvi e viraram cena, ainda têm o som da voz de quem me disse, têm o peso do que foi dito, têm a memória de interrupção... já estão teatralizados, cadenciados no discurso de cena, parecem ter um processo de transmutação em curso... mas ainda derrama. Ainda parece que vai me afogar. Reencontrar com o que foi o processo criativo no contexto pandêmico, lembrar como foi ser dirigida por Felícia³ através de vídeo chamada, filmar uma peça porque não havia como encontrar o público, para o bem de nós mesmas. Ainda tem um cheiro, cheiro de álcool 70%, de máscara, de medo de morrer.

Fazemos teatro para encontrar pessoas, para trocar olhares, para mover o que pode estar remoendo dentro. Isso me faz querer tornar o avesso visível. As palavras que minha avó escreveu em seu livro *Amor Sexo e Morte no Entardecer da Vida* (Wagner, 1989)

³ Felícia de Castro é baiana, artista, mulher negra, mãe, atriz, palhaça feminista, diretora e dramaturga. Bacharel em Interpretação Teatral pela UFBA e mestra em Artes Cênicas pela mesma universidade. Vem desenvolvendo processos criativos com atenção voltada para temas como sagrado, palhaçaria feminina, sexualidade e cura.



ainda ressoam, o que ela questionava não foi superado... ainda contém suas entrelinhas, o dito no que se deixou de dizer, o avesso das palavras.

Estava preparando a cena para apresentar no seminário, quando convidei Dayane Ribeiro⁴, amiga e colega de grupo de pesquisa, para conversar e ver o ensaio. Mostrei a cena inicial da peça, onde adaptei o texto do livro de minha avó para uma palestra nonsense, pautada na linguagem da palhaçaria, em que apresento sua perplexidade diante das restrições sociais impostas às mulheres e sobre o processo de envelhecimento que enfrentam, escrito em 1989.

Dayane me sacudiu, conceitualmente, sacudiu a ideia que eu tinha sobre o que a peça apresenta quanto questão central, disse algo mais ou menos assim: Não faça com ela o que sente que fazem com você, deixe ela sair e ser o que quiser... e você, o que você quer falar com essa cena?

Me deparei com as minhas próprias estruturas rígidas do que desejo pôr em cena. O que me atravessa ainda nessa peça é a tentativa de me soltar das amarras de uma mulher que, para ser vista como bem sucedida, tem que seguir certos padrões sociais, que ainda estão ligados à família como sua grande realização, colocando a carreira profissional em segundo plano. Isso atravessou a vida de minha avó, ela rompeu com algumas dessas amarras. Isso ainda me atravessa, rompo com essas sagas diariamente, exaustivamente, ainda não consigo romper com todas efetivamente.

Aqui Dayane escancarou o que eu ainda evitava ver. Entendemos que, ao invés da cena “Palestra”, a cena “Desaforos” dizia mais sobre o que eu queria dizer a partir do encontro com a história de minha avó, e a tomamos como eixo central da apresentação-performopalestra-comunicação-performativa, tudo mudou... ou apenas ficou mais evidente.

⁴ Dayane Ribeiro, artista da cena do corpo e da imagem, educadora, produtora cultural e pesquisadora da arte contemporânea permeando entre a cena e a vida cotidiana das afrodiásporas e suas encruzilhadas. Humanista interdisciplinar pela UNILAB-Malês. Mestranda em Artes da Cena pelo PPGADC pela UNICAMP.



Nessa cena eu repito os desaforos que ouvi de diversas pessoas ao longo da vida por ser mulher, mãe e artista. Inicio em uma postura ereta de quem fala olhando de cima, como quem se sente superior, uma matriz⁵ criada a partir de três fotografias de Elvira: *Forte*, em que parece dar uma aula; *Je suis*, enquanto ela falava em um evento; *Dona de Si*, posada para a foto com postura altiva que revela seu característico olhar de cima. Essa matriz é interrompida por movimentos de contração e relaxamento, da matriz "*Eu quero parir*" criada na relação com a memória que tenho do parto de minha filha mais nova. Resulta em movimentos e falas concomitantes: ao mesmo tempo que aperto forte todo meu corpo com as mãos - como quem tenta agarrar-se a si mesma para permanecer existindo - digo um texto que escrevi em resposta a essas violências verbais que sofri, a voz oscila e é distorcida por causa da falta de ar provocada pelas contrações e apertos.

A apresentação no seminário aconteceu em meio a muitos materiais espalhados no chão, expus o avesso de uma cena que não precisa de cenário para acontecer, espalhei no chão da sala o meu excesso, projetamos trechos de um imenso material audiovisual gerado na pesquisa, a bagagem que povoa o imaginário no meu corpo em cena, o imaginário que revisito enquanto atualizo a memória do que foi ensaiado, ali no encontro com quem me assiste. Reuni a frente e o verso, cena e processo, ação e reflexão: matrizes, estudos de dramaturgia, fotografias, arquivos pessoais, audiovisual, bordados em papel e tecido, diários de bordo, livros, objetos herdados, objetos criados para a peça, figurino e roupas da vó...

Durante a cena, tiro as peças de roupas que estou vestida - sobretudo, saia, bota, blusa - e permaneço apenas com o maiô preto, que para mim traz a memória de momentos de relaxamento que a vó Elvira viveu quando ía a praia. Simboliza a realização do seu maior desejo: estar presente. Naquele maiô estamos as duas juntas, nos encontramos em frente ao mar e imergimos juntas. Tirar as peças de roupa enquanto respondo aos desaforos que ouvi é a materialização do rompimento dessas sagas que não queremos mais viver enquanto mulheres. É a retirada do peso social de enquadrar-se, de encaixar-

⁵ A matriz é entendida como o material inicial, principal e primordial; é como a fonte orgânica de material do ator, à qual ele poderá recorrer, sempre que desejar para a construção de qualquer trabalho cênico. A matriz é a própria ação física/vocal, viva e orgânica, codificada. (FERRACINI, 2003 p.116)



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

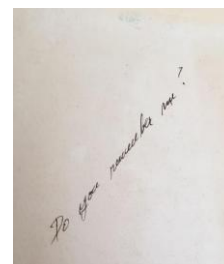
se em posturas que não toleramos mais. É também uma relação com a doença de Alzheimer, que, com o avançar do processo de esquecimento, a pessoa demenciada vai perdendo a memória, a conexão com a lógica cultural em que vive, a referência temporal, a fala... até que esqueça quem é, restando apenas a sua presença física. Segundo Elvira Wagner:

A demência Tipo Alzheimer é uma doença degenerativa progressiva irreversível, que compromete estruturas cerebrais e causa diminuição e alterações das funções cognitivas com distúrbios de memória, raciocínio, pensamento, crítica, orientação espacial e temporal, que por sua vez afetam comportamentos. (WAGNER, 1999, p.13)

O que fica dessa experiência de reencontro com a pesquisa de mestrado, são os desdobramentos infinitos que pesquisar nos causa. Me reencontro com a cena, com o que fundamentalmente me move: a presença que só o teatro pode nos proporcionar, aquela que aconteceu e não pode ser repetida, mesmo que rerepresente a mesma cena, ela sempre será outra. Da mesma forma que a memória nos acontece. Eu me lembro ou criei essa lembrança?

Para terminar, retomo o início do processo criativo e da apresentação no seminário, com a frase que minha avó Elvira deixou no avesso de uma de suas fotos, um rastro, um pedido: Você lembra de mim?

1 - Frente e verso da fotografia de acervo pessoal. Elvira 1947.



Referências



ALZHEIMER'S Disease Society. *Como cuidar de pessoas mentalmente prejudicadas: guia para familiares e outros cuidadores*. Tradução de Elvira C. Abreu e Mello Wagner; Maria Célia Guerra Medina. São Paulo: [s.l.], 1991.

ALZHEIMER'S Disease Society. *ALZHEIMER'S DISEASE*. Disponível em: <https://www.alzheimers.org.uk>. Acesso em: maio 2020.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CASTRO, Felícia. Rito de passagem: pingaram limão na ostra viva. [Revista] *Palhaçaria Feminina*, ano 3, n.3. p.13-19, outubro 2014.

COLLA, Ana Cristina; HIRSON, Raquel Scotti; FERRACINI, Renato. *Entre cenas, memórias e estilhaços*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; 2022.

FERRACINI, Renato. *A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FERRACINI, Renato; HIRSON, Raquel Scotti; COLLA, Ana Cristina. (org). *Práticas Teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; FAPESP, 2020.

VONO, Zulmira Elisa. *O bem no mal de Alzheimer*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. (Série Apontamentos)

WAGNER, Elvira da C. Abreu e Mello. *Amor, sexo e morte no entardecer da vida*. São Paulo: Caçara, 1989.

WAGNER, Elvira da C. Abreu e Mello. *Proposta de contribuição da psicologia para o diagnóstico precoce da demência tipo Alzheimer*. São Paulo, SP: [s.l.], 1999.

WAGNER, Elvira da C. Abreu e Mello. *Informes e sugestões para a Política do Idosos no Ano 2000*. Anais da Primeira Jornada de Gerontologia Social SBGG Seção São Paulo. São Paulo, SP: [s.l.], 1982.

WAGNER, Elvira da C. Abreu e Mello. Instituto Sedes Sapientiae: primeiros estudos em Gerontologia Social na cidade de São Paulo. v. 7 n. 1. *Revista Kairós: gerontologia, Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. PUC-SP. Ano 1 (1998) São Paulo: EDUC, 2004.